

*‘Encontros com a Civilização Brasileira’ (1978-1982):
resistência cultural e prenúncio de uma nostalgia**

CRISTIANO PINHEIRO DE PAULA COUTO**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo: A segunda metade da década de 1970 foi notoriamente uma época de agudas transformações políticas e culturais não somente em termos internacionais, mas também no contexto brasileiro da transição para a democracia. Essas transformações tiveram repercussões decisivas no campo cultural brasileiro, como o desenvolvimento e o aprimoramento da indústria cultural e a consolidação de novos lugares de produção e de emissão de discursos, nomeadamente da mídia televisiva. No Brasil, a emergência desses novos lugares não tardou em ser sentida por âmbitos tradicionais de produção de cultura e por redutos do pensamento crítico, como as revistas político-culturais. Por meio da análise desse contexto de mudanças, busco apresentar uma interpretação acerca da acanhada recepção pública da revista *Encontros com a Civilização Brasileira* (1978-82), atribuída usualmente à suposta indefinição ideológica dessa publicação.

Palavras-chave: Indústria Cultural; Periodismo Político-Cultural; Década de 1970; Cronótopo.

Abstract: The second half of the 1970s was notoriously a time of acute political and cultural transformations not only in international terms but also in the context of the Brazilian transition to democracy. These transformations have decisively impacted the Brazilian cultural field, engendering the development and enhancement of the cultural industry and the consolidation of new places of production and broadcasting of discourses, particularly television media. In

* Artigo submetido à avaliação em 28 de agosto de 2012 e aprovado para publicação em 08 de novembro de 2012.

** Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde desenvolve a pesquisa intitulada “Intelectuais e exílios: Diáspora do pensamento crítico latino-americano e resistência democrática em revistas culturais (1978-1985)”, com financiamento da CAPES. Contato: cristianoppc@gmail.com.

Brazil, the emergence of these new places was soon to be felt by traditional areas of cultural production and by some bastions of critical thinking, as the political and cultural small magazines. Through the analysis of this changing context, I seek to present an interpretation about the timid public reception of the magazine *Encontros com a Civilização Brasileira* (1978-82), usually attributed to its supposed ideological vagueness.

Keywords: Cultural Industry; Political and Cultural small magazines; Chronotope.

A dimensão do tempo é repleta de extravagâncias, não se comporta de maneira previsível, homogênea e regular. Como comparar, na história brasileira contemporânea, por exemplo, as décadas de 1960 e de 1970? Independentemente dos acordos feitos, nos momentos de ruptura, para que parte da estrutura ultrapassada se mantenha vigente na nova ordem, pois é possível haver continuidade na mudança – como bem o sabia Don Fabrizio, o príncipe de Salina imaginado por Lampedusa –, assim como mudança na continuidade – como creem os ponderados reformistas –, existem conjunturas em que transformações agudas podem estar encerradas em lapsos muito curtos, como o de um decênio. Qualquer ciclo histórico, de longa ou curta duração, possui volatilidade. O conceito de ciclo, em oposição ao princípio da linearidade, implica oscilação.

Transcorridos cerca de treze anos do surgimento da *Revista Civilização Brasileira*, em março de 1965, foi lançado o primeiro número da revista *Encontros com a Civilização Brasileira*, em junho de 1978. Apesar da inescapável referência exitosa de sua predecessora, a coleção estreada em junho 1978, que viria a ter 29 números, encerrando em janeiro de 1982, não conseguiu o mesmo sucesso, como sublinhou Luiz Renato Vieira: “Embora a nova revista divulgasse artigos de vários dos antigos colaboradores da Editora, tinha *orientação ideológica menos definida* e não teve repercussão, no meio cultural, comparável àquela que a precedeu” (1998, p. 183-184, sem grifo no original). Ênio Silveira, afeito a relatar anedotas, comprazia-se em lembrar da ocasião em que esteve com Sartre na visita do filósofo francês, a grande estrela do Existencialismo, ao Brasil, quando, tendo mostrado ao diretor de *Les Temps*

Modernes a Revista Civilização Brasileira, em formato de livro e com aproximadamente trezentas páginas em papel jornal, foi indagado por seu ilustre interlocutor sobre a tiragem da publicação que lhe apresentava, ao que Ênio Silveira respondeu, referindo a cifra de 30.000 exemplares (*apud* FERREIRA, 1992, p. 85).

Para um contumaz *libero pensatore*, como foi Ênio Silveira, empenhado seguidor de um humanismo universalista, essa dita orientação ideológica bem definida – um eufemismo, talvez, para ortodoxia – jamais foi uma virtude das mais aliciantes. Deve-se esclarecer que Vieira não enfatizou essa suposta menor definição dos princípios de *Encontros* em relação à célebre coleção que a antecedeu fundamentado somente na interpretação crítica de fontes impessoais. Ao invés disso, suas conclusões, ao que parece, partiram, também, de entrevistas com o próprio Ênio Silveira, em que o editor teria afirmado, insistentemente, que *Encontros*, embora com um tratamento editorial mais “profissional”, teve uma recepção de público menor do que a *Revista Civilização Brasileira*, atribuindo a defasagem entre as duas coleções à hipotética identidade menos nítida de *Encontros* (VIEIRA, p. 184). Ainda que tenha mesmo havido essa presumível perda de identidade, sua verificação não é tão clara e linear quanto se poderia pensar. Como quer que seja, a primeira coleção, ao longo do tempo em que circulou, não ficou fossilizada dentro de uma cápsula de pureza ideológica; oscilou, passou por desvios. Não faltam análises que identifiquem com exatidão as flutuações da coleção dos anos sessenta:

Fruto de uma era populista, modificou paulatinamente sua orientação até seu fechamento, em 1968, por volta do A. I. – 5. Nesse sentido, podem ser indicados dois momentos básicos na história da revista: um, definido pelos compromissos com as linhas de pensamento (progressista) vigentes no período anterior, cobrindo, grosso modo, os anos de 1965 e 1966; o segundo, onde se percebe a emergência de novas linhas de diagnósticos, encaminhando-se para revisões radicais (inclusive criticando-se participantes do primeiro momento), perscrutando novas frentes de reflexão e afirmando um

novo instrumental de análise. Cobre esse segundo momento os anos de 1967 e 1968, até o fechamento da revista (MOTA, 1994, p. 205-206).

Certa vez, Carlos Martínez Moreno lançou de supetão esta pergunta para Angel Rama: “¿Tu cuántas revistas muertas tienes en tu haber?” (*apud* RAMA, 1981, p. 117). Embasbacado, Rama deu-se conta de que, em seu percurso intelectual, houvera muitas revistas cujo fim testemunhara, como *Apex*, a primeira delas, que fundara com amigos quando ainda era apenas um adolescente. A pergunta repentina de Martínez Moreno fez com que Rama pensasse no que definiu como “problema general de las revistas literarias”. (1981, p. 118) Refletindo sobre sua própria história e sobre as revistas de que havia participado, descobre na durabilidade, na relação entre o longo e o efêmero, um princípio articulador e explicativo. Chega, assim, em exercício criativo, a imaginar uma fórmula que pudesse ser aplicada na identificação de diferentes tipos de revistas:

[...] yo pensaba que se podría hacer como una ecuación en materia de revistas. Si la revista es militante, propone estéticas y nace de un grupo, esa revista es efímera y morirá joven. Si la revista corresponde en cambio a una personalidad que la orienta y la dirige con un cierto fundamento económico, esa revista en cambio será *eclectica fatalmente* y tendrá larga vida. Es casi una proporción inversa (1981, p. 118, sem grifos no original).

Apesar de contemplar variáveis importantes que certamente podem concorrer no cômputo da duração de uma revista literária ou cultural, essa equação ideada por Rama, como toda equação, não consegue, sozinha, relacionar dentro dos seus limites todas as situações que podem repercutir no comportamento daquilo que busca calcular. Note-se que não considera, entre outras variáveis, a interferência do contexto político, talvez apenas de modo sutil, o que, partindo de um intelectual que primou por uma crítica política e social da cultura, não deixa de ser curioso. Tenha-se em conta o fim de tantas revistas, jovens e amadurecidas, forçadas violentamente ao desaparecimento,

no auge de suas atividades, quando ainda muito teriam para contar, sugerir, desafiar. Como quer que seja, não é disso que se quer tratar, e Angel Rama, em seu espontâneo e criativo pensar, contraditório em algumas vezes, lacunar em outras, sempre terá boas sugestões.

Pode-se extrair dessa mesma fórmula observações instrutivas sobre parcelas da identidade das revistas. Por um lado, será ecumênica a revista que for conduzida com certa exclusividade. Nos termos de Rama, a revista que for associada inarredavelmente a uma personalidade e que possuir algum lastro econômico será “ecletica fatalmente”. Por outro, quando produto da articulação de um grupo, a revista professará, de modo paradoxal, uma “fé” imune a incongruências. Integrante do Conselho Consultivo das duas coleções, Leandro Konder, ao lembrar as diferentes proveniências teóricas e ideológicas daqueles que se reuniam na Civilização Brasileira, enfatizou, nos mesmos termos de Rama, o ecletismo da formação intelectual que se encontrava naquela estrutura de sociabilidade arquitetada por Ênio Silveira:

Havia [na Editora Civilização Brasileira] um certo ecletismo controlado, porque na verdade ele [Ênio Silveira] estava orquestrando o encontro de exigências diferentes, de proveniências diferentes, marcas diferentes, de esquerda diferentes [sic], desde o Partidão até pessoas que eram críticas em relação ao Partidão, em outras posições, outras propostas (*apud* VIEIRA, 1998, p. 124).

Com proporcionalidades inversas, a equação apresentada por Rama desestabiliza as interpretações de Vieira e de Silveira sobre aquilo que estaria por trás da forma como o público recebeu *Encontros*. Seguindo a lógica dessa equação, *Encontros* não seria, essencialmente, uma revista inclinada a exibir uma ideologia retilínea. Sua predecessora tampouco o seria. Mesmo que tivesse predisposição para estampar um sistema de ideias sem desvios, com a coerência que presumivelmente terá tido a sua antecessora, não parece residir aí a razão mais decisiva por que *Encontros* não recebeu, do meio intelectual, a mesma hospitalidade com que sua notável predecessora fora agraciada. As duas coleções, *mutatis mutandis*, têm, em termos de definição ideológica, mais

semelhanças do que diferenças. Ambas foram heteróclitas em termos de princípios e concepções de mundo. Hão de ter sido diversas, claro, mas não a ponto de suas variações ideológicas se terem feito notar de modo tão contundente e comprometedor por seus leitores. Absolutamente, não se mostra satisfatória a atribuição da menor repercussão de *Encontros* à sua suspeita indefinição ideológica.

Quando comparados os dois editoriais que Silveira escreveu para os primeiros números de cada uma dessas duas coleções, a de 1965 e a de 1978, “Princípios e propósitos”¹ e “Por quê e Para Quê”, respectivamente, pode-se notar a presença de pelo menos uma mesma palavra-chave, sectarismo, sempre acompanhada de um prefixo de negação. Fincava-se pé no não-sectarismo. No editorial da primeira coleção, lê-se: “[...] a *Revista Civilização Brasileira* não será orientada por qualquer partido ou concepção sectária.” (p. 4) Poucas linhas à frente, apresentam-se aos leitores da *Revista* novos termos – não deslocados, porém, do quadro conceitual dos argumentos que os antecederam – para reforçar a amplitude de concepção de mundo que deveria nortear a linha editorial da publicação: “Não nos fixaremos, portanto, em posições ou postulações herméticas.” (*idem*) Passada mais de uma década, Silveira, após enfatizar as tendências regentes da publicação, afirma que seus leitores poderão encontrar, nas páginas de *Encontros*:

[...] artigos, ensaios e notas de crítica assinados por colaboradores nacionais e estrangeiros que, pelo seu *não-sectarismo*, contribuirão para a abertura de horizontes, os atos de pensar e repensar o mundo em que o homem luta e se esforça para alcançar o grau de humanidade que o realizará plenamente (“Por quê e Para Quê”, junho de 1978, p. 7, sem grifos no original).

¹ Embora o editorial de 1965 não tenha, por motivos evidentes, autoria especificada na própria publicação, tendo sido creditado ao Conselho de Redação da *Revista*, soube-se, posteriormente, por intermédio de Moacyr Félix, que os editoriais dos números 1 e 13 foram escritos por Ênio Silveira. Cf. nota # 6. In: CAMARGO, M. L. B., “Resistência e crítica. Revistas culturais brasileiras nos tempos da ditadura”. *Revista Iberoamericana*, Pittsburgh, v. LXX, n. 208-209, 2004, p. 893.

Apesar de que, neste mesmo editorial, Silveira tenha colocado um acento na importância do “amor à verdade” para o propósito de *Encontros*, deve-se ter em conta que, para o editor da Civilização Brasileira, essa afeição, bastante arraigada, não se construía sem excursões aos meandros da dialética. Percorrendo sempre rotas sinuosas, a verdade, para esse editor, considerado por seus opositores como *condottiere* de um populismo desabrido e por seus apoiadores como um *partisan* da resistência cultural, podia ser dita pelo menos de cinco formas diferentes, como Brecht explicou, em 1934, em plena escalada do fanatismo nazista, no texto “Cinco maneiras de dizer a verdade”, publicado na *Revista Civilização Brasileira*, em 1966. Celebrando um ano de *Encontros*, mais uma vez tocou a nota da heterodoxia: “Não pretendeu ser, não é e jamais será um veículo impositivo, programático, sectário” (“Um ano de Encontros”, *Encontros com a Civilização Brasileira*, n. 12, junho de 1979).

A hipotética definição ideológica irreduzível não combina bem com a figura de Ênio Silveira. Se ainda assim for considerado que a locução adjetiva “editor de uma nota só” cai bem à imagem de Ênio Silveira, que se a empregue para o reconhecimento da constante afirmação, pelo editor da Civilização Brasileira, do pluralismo de ideias. Ao publicar, nos anos 1960, supostamente uma década de maior firmeza ideológica para a Editora Civilização Brasileira, autores identificados com o pensamento de Trotsky e, concomitantemente, com outras vertentes do marxismo de teor mais clássico, o editor deixou perplexos alguns de seus correligionários. Pasmos, os “trombas” partidários (os superortodoxos, no jargão do partido) perguntavam-lhe, conforme relatou o editor (SILVEIRA *apud* FERREIRA, 1992, p. 61):

– Mas, afinal, você o que é?

A resposta vinha em forma destabilizadora:

– Eu sou o que sou, e no que estou fazendo presto – ao contrário do que vocês estão pensando – um enorme serviço ao partido.

Seu regime discursivo, em ambas as coleções, não supunha, portanto, um fundamento de verdade inapelável, como também se observa neste excerto:

Ligado à esquerda desde os tempos universitários, é curioso notar que esses contatos com a área socialista haviam amadurecido e intensificado em Nova York [sic], onde meus amigos mais próximos, judeus e negros como os escritores Howard Fast, Richard Wright, Langston Hughes e o compositor Marc Blitzstein, eram comunistas. E assim iniciei a publicação de numerosos autores nacionais e estrangeiros ligados a essa corrente ideológica, como Roger Garaudy, Antonio Gramsci, Néelson Werneck Sodré, Osny Duarte Pereira, Ruy Facó e dezenas de outros. Fazia-o sem qualquer *sectarismo*, porém, pois sempre entendi que *posições estreitas e dogmáticas* eram antagônicas ao verdadeiro socialismo e ao espírito democrático que, em numerosos textos de apresentação dos livros que lançava, *eu fazia questão de promover* (apud VIEIRA, 1998, p. 81-82, sem grifos no original).

Quaisquer que tenham sido as diferenças ou semelhanças entre as duas coleções, o argumento baseado apenas na identidade ideológica, como acontece usualmente, parece insuficiente para prover uma interpretação mais sólida, particularmente no que tem a ver com o problema da recepção. Isolado, resiste muito pouco à análise crítica.

Para explicar a recepção de público menos acalorada que teve a coleção lançada em 1978, Vieira não se limitou, contudo, aos traços ideológicos de *Encontros*, ao seu caráter enquanto formação intelectual enraizada em valores de esquerda. Seu estudo sobre a Editora Civilização Brasileira, inequivocamente marcado por conceptualizações bourdieusianas, não negligenciou outro aspecto importante, senão essencial, que concorreu para a menor recepção da coleção surgida no fim dos anos setenta, já no limiar da “transição democrática”. Partindo de reminiscências do editor, Vieira imergiu em substância de maior densidade na tentativa de descobrir razões mais sutis, porém não menos determinantes, para o menor sucesso de *Encontros*.

Quatro anos antes de cair enfermo do coração e de sofrer a embolia pulmonar² que o fez sucumbir (HALLEWELL, 2005, p. 600), Ênio Silveira relembrou, melancolicamente, do intervalo de tempo por que passou, dos primeiros anos que se seguiram ao golpe militar até aos anúncios de uma abertura política, em cujas extremidades estão, de um lado, a euforia, o voluntarismo e o combativo gregarismo, e de outro, a desilusão, o abatimento e a dispersão:

Muitas coisas foram feitas com enorme sucesso, lançando muita gente no debate das idéias progressistas, em pleno repúdio ao regime de força que se implantava no país. Então esses nossos encontros³ ficaram tão famosos que nós, ao relançarmos a revista, adotamos o nome de Encontros. Aí mudou o sentido, são as tristes circunstâncias da vida – o Albatroz é o pássaro das tempestades, nós éramos o Albatroz de Baudelaire –, enquanto havia repressão havia tudo, de repente tudo começa a ficar permissivo e não surge mais ninguém, as pessoas deixam de comparecer (1992 *apud* VIEIRA, 1998, p. 184).

Eis aí uma chave explicativa que, aparentemente, dá ensejo a uma análise histórica mais intensa em conteúdo sobre o contexto de recepção de *Encontros*. Mas, Baudelaire, por quê? Que pássaro das tempestades é este de seu poema?

² Segundo Vieira (1998, p. 185), “Ênio Silveira faleceu no dia 11 de janeiro de 1996, aos setenta anos de idade, de edema pulmonar”.

³ Em nota, Luiz Renato Vieira expõe alguns dos temas desses “Encontros” comentados por Silveira: “Alguns dos temas dos Encontros foram ‘A direita e a literatura’, ‘Literatura contemporânea’, ‘Novas raízes da música popular brasileira’, ‘Censura política e arte’. Infelizmente não há registros detalhados sobre esses eventos, muitos dos quais ocorreram sob ameaça policial.” Cf. nota # 27 (VIEIRA, 1998, p. 188).

L'Albatros

“Souvent, pour s'amuser, les hommes d'équipage
 Prennent des albatros, vastes oiseaux des mers,
 Qui suivent, indolents compagnons de voyage,
 Le navire glissant sur les gouffres amers.

A peine les ont-ils déposés sur les planches,
 Que ces rois de l'azur, maladroits et houx,
 Laisent piteusement leurs grandes ailes blanches
 Comme des avirons traîner à côté d'eux.

Ce voyageur ailé, comme il est gauche et veule!
 Lui, naguère si beau, qu'il est comique et laid!
 L'un agace son bec avec un brûle-gueule,
 L'autre mime, en boitant, l'infime que volait!

Le Poète est semblable au prince des nuées
 Qui hante la tempête et se rit de l'archer;
 Exilé sur le sol au milieu des huées,
 Ses ailes de géant l'empêchent de marcher.⁴⁷

O albatroz de Baudelaire é o poeta, o vate capturado em seu anseio inelutável de elevar-se às alturas, o profeta deslocado entre a turba, a bronca *canaille* que zomba de seu voluntarismo renitente. Como o poeta do século XIX, acometido pelas forças históricas da modernidade, exilado no meio da multidão, em busca da transcendência entre a imanência do progresso triunfante e as ruínas do capitalismo, Ênio Silveira, premido também entre o

⁴ O *Albatroz*. Às vezes, no mar grosso, diverte-se a chusma / Na captura do albatroz, nobre senhor das vastidões oceânicas, / Que segue, incansável companheiro de viagem, / O navio que singra as profundidades amargas. / Mal é depositado sobre o convés, / Este rei do azul, desajeitado e encabulado, / Deixa penosamente suas grandes asas brancas / Tombarem como remos para o lado / Este viajante alado, como é desengonçado e frágil! / Ele, outrora tão belo e sublime, como é cômico e grotesco! / Um o exaspera aproximando um cachimbo de seu bico, / Outro imita, mancando, o aleijão a voar! / O Poeta é como o príncipe das nuvens / Que afronta a tempestade e se ri do arqueiro; / Exilado no chão, entre a multidão que o escarnece, / Suas grandes asas impedem-no de andar. BAUDELAIRE, Charles. *Les fleurs du mal*. Paris: Alphonse Lemerre, 1868, p. 105. (tradução livre) Desobriguei-me do uso das aspas por haver fartas doses de interpretação nessa precária tradução que arrisquei.

spleen e o ideal, entre o impedimento de êxito nas novas condições e a rememoração de algo irreversivelmente perdido (GATTI, 2009, p. 175), vislumbra o passado, ou melhor, a história de *Encontros*, com certa tristeza, pois parece discernir nessa história um impasse, o beco sem saída de uma época saturada e o desencanto de sua própria geração.

Na medida em que recorreu ao registro tropológico para refletir sobre o isolamento de seu projeto intelectual, tornado “redundante” no término dos anos setenta, Ênio Silveira permitiu que seus comentários esbanjassem remissões. Poderá haver alguma conexão, obscura que seja, entre a forma como Ênio Silveira rememorou o destino de *Encontros* e a notória tese IX de Walter Benjamin sobre o conceito de história. Se o historiador cultural amante da alegoria terá se inspirado⁵ em alguns trechos de *As flores do mal*, de Baudelaire, para interpretar, projetando sentimentos e ideias, a aquarela que, em sua juventude, adquirira de Paul Klee, o *Angelus Novus*, como uma imagem arrepiante da história, da história enquanto catástrofe, Ênio Silveira igualmente buscou inspiração no crítico da vida moderna, o lírico poeta francês que viveu o auge do capitalismo, para refletir sobre o seu tempo, particularmente sobre o ambiente sociocultural em que circulou *Encontros*. Em relação ao contexto da abertura democrática, comentou, em seu discurso de posse no *Pen Club* Brasil, em agosto de 1991:

Mas, por um desses paradoxos que tornam ainda mais confusa a história de certas pessoas e de determinadas nações, a restauração da ordem democrática, ou, melhor dito, da “aparência democrática”, tornou como que *redundante* ou *supérflua* nossa atitude de *partisans* editoriais. Exaurida por anos de luta, que lhe consumiram o modesto patrimônio material a duras penas amealhado, a Civilização Brasileira e eu mesmo nos demos conta de que estávamos agonizando, em termos empresariais, ao chegar à praia depois da tempestade. Seríamos como o

⁵ A sugestão de que Benjamin terá se inspirado em algumas passagens poéticas de *As flores do mal* para escrever a tese IX foi feita por Michael Löwy em seu belo ensaio crítico em que analisou cada uma das teses de “Sobre o conceito de história”. (2005, p. 89)

albatroz do famoso poema de Baudelaire? (*apud* FÉLIX, 1998, p. 78, sem grifos no original).

Assim, mais do que possíveis defecções ideológicas ou ocasionais concessões de um espírito contemporizador, a tépida recepção de *Encontros* teve muito mais a ver com a erosão de valores que definiram uma época. Contraditoriamente, ou talvez nem tanto, no momento da vagarosa transição, quando o regime ditatorial, relativamente isolado por inflexões na política internacional, como a mudança de paradigma na política dos Estados Unidos para os direitos humanos (o novo imperialismo travestido em defesa de causas humanitárias), e abalado pela crise do petróleo que estremeceu os fundamentos do modelo econômico até então favorecido pelos baixos preços da almejada *commodity* negra, dava seus últimos estertores, as forças sociais que haviam enfrentado mais acaloradamente os mecanismos de repressão e também alguns dos setores progressistas que se haviam unido em torno da estratégia de resistência democrática, apresentavam sinais de cansaço. Deve-se anotar, portanto, que a tibia recepção de *Encontros* se inscreveu nesse contexto: “Não obstante a importância dos artigos ali publicados, vivia-se a *desmobilização* decorrente de quase quinze anos de censura e de violência por parte do Estado” (VIEIRA, 1998, p. 184, sem grifos no original). Fazia-se necessária uma mudança de estratégia discursiva, que, afinal, não veio a acontecer. Cumpria reformular o discurso, pois o contexto de recepção de *Encontros* estava marcado por condições políticas e culturais muito diferentes daquelas que existiram durante o período em que circulou a coleção dos anos sessenta:

[...] a *Revista* [Civilização Brasileira] foi lançada, em 1965, como reação, ou instrumento de resistência ao golpe militar de 64, articulando o discurso do grupo de intelectuais que se organizava em torno do editor Ênio Silveira e tinha o Partido Comunista como referência comum. Este lugar de resistência estava fortemente marcado e propiciado pelo contexto político do momento em que a *Revista* foi lançada – momento irrepetível, obviamente, à época do lançamento da

Encontros, que já não tem como manter a mesma estratégia (CAMARGO, 2003, p. 30).

Em suma, lembrando daquelas extravagâncias do tempo, como comparar o ano de 1965, no Brasil, com o de 1978? Mesmo regime, mesmo país, mesmos atores sociais etc. Conquanto os processos sociais fossem os mesmos, os momentos na lógica interna desses processos eram bastante distintos. Enquanto o ano de 1965 está no umbral do ciclo em que se instalou a última ditadura cívico-militar brasileira, o ano de 1978, por sua vez, pertence já a um estágio de esgotamento desse ciclo, o outono da ditadura, a “abertura lenta e gradual e segura”, como propôs Geisel.

O crepúsculo, porém, chegou para muitos. A decadência do bloco de poder que usurpara o controle do Estado nos anos sessenta, mantendo-se por duas décadas, com apoio político e bases sociais, no domínio do conjunto das instituições administrativas, não ocorreu sem que, antes, ao longo da rota de ascensão desse bloco, muita perseguição, desaparecimento, crime, aniquilamento, sevícia e banimento acontecessem. Antes da queda, aqueles que haviam se apoderado ilegitimamente do poder sob o pretexto de estarem a defender os valores constitucionais brasileiros contra as forças subversivas tragaram para o abismo muitos de seus contendores, dizimados política e militarmente, apesar da tenacidade com que se entregaram ao assimétrico combate. Em seu livro de memórias em construção, “O bardo errante”, o poeta Manoel de Andrade, em tom afinado com as palavras elegíacas de Ênio Silveira, condensa a angústia de sua geração:

Não abdicamos da esperança, mas reconhecemos que nosso veleiro soçobrou e que seus restos foram bater nas praias melancólicas desses anos. Sobrevivemos quais naufragos num mar de ultrajes e decepções, junto com os destroços das grandes ideologias [...] (mimeo).

Embora o regime militar tivesse suporte em amplos setores da sociedade civil brasileira, especialmente em setores conservadores da classe média urbana, havia diluídos em diferentes estratos sociais, entre os

estudantes, alguns representantes da classe política, os intelectuais, os artistas e o movimento operário, núcleos de resistência acérrima. Ora, no começo dos anos sessenta, no auge da euforia provocada pela Revolução Cubana, sob o êxtase da anunciação do “homem novo”⁶, nada poderia estar à frente do imaginário radical, cujo entusiasmo e vigor atingiram um ápice no ano de 1968, o mesmo que o jornalista Zuenir Ventura afirmou não haver terminado. Por não haver terminado, talvez, como sugere poeticamente Zuenir, o ano de 1968, em vez de ser um ponto de onde se multiplicaram possibilidades e projetos, pode ser encarado como um ano de tarefas interrompidas, a entrada em latência de projetos de transformação:

La herencia de mayo de 1968 ha sido, por una parte, el advenimiento de una generación antihistórica, descomprometida, que no quiere complicarse la vida y parece haber suprimido el pasado en beneficio de un presente fluido y sin consistencia [...] (NOTEBOOM, 2011, p. 42).

No Brasil, depois do Ato Institucional n. 5, AI-5, publicado em 13 de dezembro de 1968, instrumento administrativo que fez recrudescer os mecanismos de repressão, muitos dos setores de oposição foram forçados à resistência clandestina, quando não à total dispersão. Como quer que seja, outros movimentos sociais mantiveram-se organizados.

O definhamento do “milagre brasileiro”, “catapultado pela alta internacional dos preços do petróleo”, o fiasco eleitoral de 1974 e a exposição das atrocidades perpetradas contra a luta armada provocaram novo frenesi de alguns movimentos sociais, em especial o dos operários, mas também o estudantil, o das mulheres etc. (SANTANA, 2008, p. 296). O cume dessa efervescência social foi a greve dos metalúrgicos do ABC paulista, em 1978. A irrupção organizada do movimento dos operários da indústria automobilística contribuiu muito para a criação, em 1980, do

⁶ Referência à carta escrita por Che Guevara e dirigida a Carlos Quijano, publicada no semanário *Marcha*, Montevideu, em março de 1965.

Partido dos Trabalhadores (PT). Assim, havia, ao mesmo tempo, e paradoxalmente, de acordo com diferentes perspectivas, um clima de desmobilização (VIEIRA, 1998) e de mobilização (SANTANA, 2008).

No terreno social em que essas contradições se revolviam, formou-se, pela mistura de múltiplas tendências, algo que, para o contexto europeu, foi definido como “virada liberal da esquerda”, atribuída à falta de perspectiva em mudar o mundo (RIMBERT, 2012). Apesar das diferenças e particularidades de cada contexto, o brasileiro e o europeu, a propensão liberalizante que se viu constituir na Europa com o eurocomunismo também encontrou no Brasil suas formas de expressão. Reverberou para muito além dos Cárpatos o atributo que Enrico Berlinguer, secretário-geral do partido criado por Antonio Gramsci, deu, em 1977, quando participava, em Moscou, das comemorações dos sessenta anos da Revolução Russa, à democracia, ao caracterizá-la como um “valor universal”, encontrando abrigo nas páginas de *Encontros*, no artigo de Carlos Nelson Coutinho, “A democracia como valor universal”, publicado em 1979. Esse artigo, muito marcado pela influência do pensamento de Gramsci, viria a tornar-se clássico e a espelhar o pensamento da esquerda brasileira na década seguinte.

Nos anos sessenta, Coutinho havia, com Ênio Silveira, atuado na recepção das ideias de Gramsci no Brasil. Muitos dos escritos de Gramsci foram publicados, pela Civilização Brasileira, ao longo da década de 1960: *Cartas do Cárcere* (1966); *Concepção dialética da história* (1966); *Literatura e vida nacional* (1966); *Maquiavel, a política e o Estado moderno* (1968); e *Os intelectuais e a organização da cultura* (1968). O reformismo revolucionário do pensador sardo, porém, só viria a alcançar maior repercussão no Brasil na década de 1970, como observou Olavo de Carvalho:

Estas obras foram muito lidas, mas, numa atmosfera dominada pela obsessão da luta armada, não exerceram influência prática imediata. Seu potencial ficou retido até a derrota da luta armada, que provocou, como não poderia deixar de ser, um retorno generalizado às teses do combate pacífico e aliancista defendidas pelo PC pró-Moscou. O reatamento do romance entre a esquerda

armada e a desarmada deu-se, naturalmente, sobre um fundo musical orquestrado pelo maestro Antonio Gramsci (2004, p. 67).

Este é o momento em que aparece o PT, reunindo intelectuais com diferentes trajetórias políticas, dirigentes sindicais, parcelas do clero, constituindo-se em partido político com variadas correntes ideológicas internas.

Se, no período da abertura democrática, como sugere Vieira, havia mesmo uma relativa desmobilização de alguns nichos tradicionais de resistência, exauridos por quinze anos de perseguição política, também começavam a surgir novas frentes de atuação e novos atores sociais. Os operários passaram a ter mais protagonismo. Os treze anos que separam o lançamento da *Revista* e o aparecimento de *Encontros* foram igualmente decisivos para o rápido desenvolvimento de instâncias de consagração emergentes, como a mídia televisiva que, no Brasil, passou por muitos aprimoramentos técnicos ao longo da década de 1970. Os intelectuais não estavam alheios à expansão dos meios de comunicação e da indústria cultural, cuja força não tardaria em se mostrar. Revistas culturais, como *Encontros*, em contexto de incisivas transformações e de restabelecimento de outras redes de sociabilidade e de surgimento de novos lugares de reconhecimento, deixam de ter a mesma energia aglutinadora que tiveram outrora. A construção dos cânones, das linhagens críticas, contaria, agora, com outros suportes, munidos de poderosos fatores de repercussão. Muitos intelectuais deixaram de ser teóricos e ensaístas de revistas de cultura para se transformarem em vedetes, “gurus exotéricos” da emergente sociedade do consumo e do espetáculo. Se alguns foram seduzidos pelos mecanismos de cooptação da cultura de massas, outros souberam subvertê-la. Com efeito, houve quem tenha conseguido transitar nos espaços da ascendente cultura de massas, mantendo o discurso crítico, como o dramaturgo Dias Gomes. Pelo sucesso de público, encontrou na televisão um lugar de perpetuação da crítica social que, em outros suportes, como as revistas culturais, esbarrava nos

obstáculos da censura. A relação entre a cultura de massas e o pensamento crítico não acontece de forma linear, não ocorre em uma via de mão única.

Há outra mudança que operou, também, de modo contundente nesse contexto: a crise das grandes narrativas e a emergência da condição pós-moderna (LYOTARD, 2004). Ao passo que a década de 1960 representa o apogeu das paixões despertadas pela ideia de revolução, a década seguinte, pós-1968, não foi apenas a época em que se começou a “esmigalhar a história” (DOSSE, 2003), o momento em que as metanarrativas da modernidade teriam entrado em falência. Essa foi, também, a década em que uma nova “experiência de tempo histórico” passou a desenvolver-se: o futuro já não seria mais um leque aberto de possibilidades, e as leis da história já não mais poderiam conduzir a humanidade por um caminho de ferro em direção ao progresso e à redenção. O edifício da modernidade é implodido. Sopram os ventos do capitalismo financeiro e da globalização:

A partir da década de 70 a ascensão do capitalismo financeiro, sob o disfarce de globalização, começou a estender as suas redes e a ganhar, com armas invencíveis, essa nova e imensa guerra mundial, avançando com sua voracidade, desterrando os valores humanos, gerando multidões de excluídos, triturando nossas utopias, transformando o planeta num supermercado e descaracterizando a própria cultura com atraentes modelos de um consumismo supérfluo e descartável (ANDRADE, mimeo).

Arruinaram-se duas noções cruciais que fundamentaram o projeto moderno no Ocidente: “o passado como processo contínuo, a história como uma evolução linear cujo sentido pode ser descoberto e aplicado como guia para as ações do presente.” (ARAUJO, p. 324) Declinou o apelo do historicismo, a contingência histórica passou a ser secundária. Uma aluvião, liberada pela nova lógica cultural (JAMESON, 1996) do capitalismo tardio, arrastou em suas águas turbulentas as filosofias da história que haviam sustentado as “estruturas de sentimento” modernas: “o futuro estreita-se, esvaziando-se de utopias políticas.” (ARAUJO, *op. cit.*, p. 319) A emergência

de um “novo cronótopo”⁷ estilhaçou um “tempo histórico” cuja coerência parecia invencível. A experiência das novas gerações com o tempo já não poderá mais se apoiar em três condições essenciais do cronótopo que vigorou até então, quais sejam: “leaving the past behind, going through a present of mere transition, and entering the future as a horizon of possibilities” (GUMBRECHT, 2012, p. 336).⁸

Assim, com o aparecimento de uma nova construção social do tempo, o velho cronótopo historicista, *habitat* preferido do sujeito Cartesiano, sempre pronto para tomar decisões racionais e para fazer escolhas com um horizonte aberto de possibilidades diante de si, um futuro a que inevitavelmente se há de chegar, posto que constituinte das regularidades e leis gerais da história, foi sucedido por um cronótopo, ainda inominado, em que o presente se dilatou, o passado tornou-se uma presença quase corpórea, e o futuro, decididamente intangível, passou a ser reduto de ameaças. A teleologia, na auto-consciência do sujeito que experimenta essa construção do tempo pós-hegeliana, já não ocupará a mesma posição de destaque:

[...] we are now able to see the mood of the years after 1945 as a first wrinkle within the linear temporality of the chronotope that was called “History” (and believed to be metahistorical), a wrinkle within the linear temporality of a former chronotope today succeeded by a

⁷ O conceito de cronótopo que aparece em “Sepp” Gumbrecht se associa, nas humanidades, àquele que teve aplicação nos estudos literários do teórico russo Mikhail Bakhtin, para quem o cronótopo, na literatura, é o nexos inseparável entre tempo e espaço: “We will give the name chronotope (literally, ‘time space’) to the intrinsic connectedness of temporal and spatial relationships that are artistically expressed in literature.” “Daremos o nome cronótopo (literalmente ‘tempo espaço’) ao nexos intrínseco que há nas relações temporais e espaciais artisticamente expressas na literatura.” (tradução minha) Cf. BAKHTIN, Mikhail Mikhaïlovich. “Forms of time and of the chronotope in the novel” in *The dialogic imagination: Four essays*. Austin: University of Texas Press Slavic series, 2004, p. 84. Atribuindo o emprego do termo à matemática, e indicando o uso do conceito na Teoria da Relatividade de Einstein, Bakhtin observa, porém, que o sentido especial que a categoria possui na teoria de Einstein não tem importância para o que estava a propor; sublinha que tomou de empréstimo a noção para aplicá-la, “quase” como metáfora, nos estudos da crítica literária.

⁸ “deixar o passado para trás, cruzar o presente como mera transição, e adentrar o futuro como horizonte de possibilidades.” (tradução minha)

different construction of time that *showed itself with clearer symptoms since the late 1970s* (when we were all engaged in that battle between the champions of “Postmodernity and the defenders of “Modernity”) (*Ib.*, p. 327, sem grifos no original).⁹

Sensível analista dos rumores da história, Ênio Silveira publicou, em fevereiro de 1980, no número 20 de *Encontros com a Civilização Brasileira*, um editorial intitulado “Desordem e possível progresso”. Há, na análise do editor, a intuição de que mudanças profundas, em escala mundial, estavam em gestação:

Esta penúltima década do século XX poderá ser tudo menos monótona, a julgar pelos eventos que, em toda a parte, estão marcando o seu início. [...] Novas configurações político-econômicas e militares se apresentam a cada instante aos nossos olhos, demonstrando que as mais estabelecidas “verdades”, ou os mais sofisticados “modelos de comportamento”, não têm sustentação alguma na vertiginosa e avassaladora escalada de mutações em que se vêem mergulhados, a um só tempo, os *blocos*, as nações que os integram, os partidos políticos, os indivíduos e os costumes (p. 7, grifo no original).

Pode-se imaginar que foram, antes, essas agudas transformações históricas que terão repercutido, mais do que a suposta indefinição ideológica, na acanhada recepção de público que teve *Encontros*. Embora Ênio Silveira tenha chegado ao fim dos anos setenta, combalido e

⁹ “Somos capazes de ver, agora, o clima dos anos posteriores a 1945 como uma primeira dobra na temporalidade linear do cronótopo que foi chamado ‘História’ (que se supunha meta-histórico), uma dobra na temporalidade linear do antigo cronótopo, sucedido, hoje, por uma diferente construção do tempo que revelou a si mesma com sintomas mais claros desde o fim da década de 1970 (quando estávamos todos envolvidos com aquela batalha entre os campeões da ‘Pós-Modernidade’ e os defensores da ‘Modernidade’).” (tradução minha)

economicamente abalado, em virtude dos ataques de toda ordem que sofreu dos implacáveis dispositivos de repressão usados pelo regime militar, como as frequentes ações criminosas perpetradas contra a Editora Civilização Brasileira, as recorrentes prisões, as restrições ao crédito bancário, sua conduta intelectual e a posição ideológica que o tornaram alvo constante desses dispositivos mantiveram-se incólumes, e os bens culturais que produziu expressaram a sua constância.

Com o acirramento do “terrorismo cultural” de Estado, gerado pelo AI-5, em 1968, o discurso explícito da resistência, hegemônico nos anos sessenta entre os setores sociais de oposição à ditadura, teve que ceder lugar a outras estratégias discursivas. A produção cultural e crítica, todavia, não ficou estagnada, tendo buscado espaços alternativos para manifestar-se. O aparecimento de outros lugares de enunciação e de outras formas de resistência promoveu desierarquizações. O programa de *Encontros*, muito atrelado aos padrões de sua predecessora, e fixado em uma tradição de resistência cujo prestígio, antes incontrastável, começou a ser disputado, preservou uma estratégia discursiva que já não podia ter o mesmo apelo de outrora: “Esse periodismo de resistência surge, se fortalece, entra em declínio e desaparece no mesmo compasso de sua eliciadora contra-face, a ditadura militar [...]” (CAMARGO, 2004, p. 891). Se a brutal repressão, por meio da violência e de uma variedade enorme de sanções, teve êxito em aniquilar seus opositores mais perceptíveis, aqueles que operavam pelo confronto direto e explícito, não conseguiu abortar a formação de adversários inovadores:

A década de 70 trará para a cena cultural, de forma mais acirrada, mesmo que silenciosa, as tensões entre as várias formas de resistência ao autoritarismo, bem como as questões que emergem da consolidação da indústria cultural. O humor, a contracultura, o “desbunde” comportamental passam a aflorar num outro discurso de resistência, mais sutil (mais eficiente?) do que o registro sério, “elevado”, que encontrávamos na *Revista Civilização Brasileira*, e que será reencontrado, com variações, em *Opinião e Argumento* (*ib.*, p. 907).

O lançamento de revistas político-culturais fiéis ao registro fleumático, denotativo, “elevado” de resistência, como *Opinião e Argumento*, na primeira metade dos anos setenta, disputou espaço com a entrada em cena do discurso irreverente mas também de oposição criado e posto em circulação, em 1969, com bastante sucesso, por *O Pasquim*. Pouco tempo depois, na segunda metade da década de setenta, quando surgiu *Encontros*, a distensão, além de ter produzido condições para a abertura política, foi simultânea ao amadurecimento de um período em que se tornou mais complexa, mais tensionada, talvez, a zona de insurgência e de reação contra o autoritarismo:

[...] um período de transição na história cultural brasileira, em que coexistem um processo de “destape”, ou de desrepressão, mais voltado ao passado, e outro de introdução de novas rotas de vôo, mesmo que um tanto tortuosas ou com múltiplos rumos, seja no campo da política, seja no dos costumes, seja nos campos intelectual e literário (*idem*).

O modelo de “resistência séria” entrou em declínio, e o lugar de emissão do discurso crítico dilatou-se. No fim da década de 1970, no Brasil, não era possível ser indiferente às transformações culturais que a sociedade de consumo começava a produzir. À *intelligentsia* coube, então, subverter a lógica do espetáculo, procurando instalar, nos vastos domínios da cultura de massas, o dissenso, o conflito, a crítica. *Encontros* surgiu como continuidade de sua antecessora dos anos sessenta, sem apresentar, contudo, um discurso adaptado ao novo contexto. Em 1982, mesmo ano em que foi publicado o último número de *Encontros*, Ênio Silveira, com poucas capacidades de solvência, teve que vender a Editora Civilização Brasileira para um grupo português.

Referências

- ANDRADE, Manoel de. “Nos rastros da utopia”. In: ANDRADE, Manoel de. *O bardo errante*. (mimeo).
- ARAUJO, Valdei Lopes de. “Para além da auto-consciência moderna: a historiografia de Hans Ulrich Gumbrecht”. In: *Varia História*. Belo Horizonte, vol. 22, n. 36, p. 314-328, jul./dez. 2006.
- BAUDELAIRE, Charles. *Les fleurs du mal*. Paris: Alphonse Lemerre, 1868.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhaïlovich. “Forms of time and of the chronotope in the novel”. In: HOLQUIST, Michael (ed.). *The dialogic imagination: Four essays*. Austin: University of Texas Press Slavic series, 2004, p. 84-258.
- BEIGEL, Fernanda. “Las revistas culturales como documentos de la historia latinoamericana”. *Utopía y Praxis Latinoamericana*, Universidad del Zulia, Venezuela, Año 8, n. 20, Marzo de 2003, p. 105-115.
- CAMARGO, M. L. B. “Sobre revistas, periódicos e qualis tais”. *Outra Travessia*, n. 40/1, Ilha de Santa Catarina, p. 21-36, 2º sem. 2003.
- _____. “Resistência e crítica. Revistas culturais brasileiras nos tempos da ditadura”. *Revista Iberoamericana*, Pittsburgh, v. LXX, n° 208-209, p. 891-913, 2004.
- CARVALHO, Olavo de. *A nova era e a revolução cultural: Fritjof Capra & Antonio Gramsci*. Rio de Janeiro: Instituto de Artes Liberais & Stella Caymmi Editora, 1994.
- DOSSE, François. *A história em migalhas: dos Annales à Nova História*. São Paulo: Edusc, 2003.
- FERREIRA, J. C. P. (org.). *Editando o editor 3. Ênio Silveira*. São Paulo: Edusp, 1992.
- FÉLIX, Moacyr. *Ênio Silveira: arquiteto de liberdades*. São Paulo: Bertrand Brasil, 1998.
- GATTI, Luciano. “Experiência da transitoriedade: Walter Benjamin e a modernidade de Baudelaire”. *Kriterion*. Belo Horizonte, n. 119, p. 159-178, jun./2009.

- GENTILLI, Victor. “O jornalismo brasileiro nos anos 70”. Brasília/DF, X COMPOS, GT - Estudos de Jornalismo, 2001.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *After 1945: Latency as Origin of the Present* (forthcoming, Stanford University Press; German translation forthcoming August 2012, Suhrkamp Verlag Berlin).
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 2 ed. rev. e ampl., São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.
- JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo. A lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ed. Ática, 1996.
- LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- LYOTARD, Jean François. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.
- MONTAGNER, Miguel Ângelo. “Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana”. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 9, n. 17, p. 240-264, jan./jul. 2007.
- MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)*. São Paulo: Ática, 1994.
- NOOTEBOOM, Cees. *Cómo ser europeos*. Madrid: Ediciones Siruela, 2ª ed., Biblioteca de Ensayo/Serie menor, 2011.
- RAMA, Angel *et al.* “¿Qué es y para qué sirve una revista literaria?” *Texto Crítico*, México, Universidad Veracruzana, n. 20, p. 105-126, 1981.
- RIMBERT, Pierre. “A história não se repete”. *Le Monde Diplomatique Brasil*, ano 5, n. 57, abr. 2012.
- ROCCA, Pablo. *Re: Estudos sobre las revistas culturales [mensagem pessoal]*. Mens. recebida por cristianoppc@gmail.com em 29 de março de 2012.
- SANTANA, M. A. “Ditadura militar e resistência operária: o movimento sindical brasileiro do golpe à transição democrática”. In: *Política & Sociedade*, v. 1, n. 13, p. 269-309, out. 2008.
- SILVEIRA, Ênio. “Desordem e possível progresso”. *Encontros com a Civilização Brasileira*, vol. III, n. 20, p. 7-10, fev. 1980.
- VIEIRA, Luiz Renato. *Consagrados e malditos: os intelectuais e a Editora Civilização Brasileira*. Brasília: Thesaurus, 1998.